

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA — Na Faculdade  
de Ciências do Porto

Extracto do fasc. 2 do vol. XIX dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia»

Congresso Internacional de Etnografia (Santo Tirso)

*Discurso proferido em sessão solene sob a Presidência  
do Ilustre Ministro do Ultramar, Senhor Comandante  
Peixoto Correia, para inauguração do Colóquio de  
Etnografia Comparada em 11 de Junho de 1963.*

Senhor Ministro do Ultramar  
Senhores Congressistas  
Minhas Senhoras e meus Senhores

Senhor Ministro,

As minhas primeiras palavras são para V. Ex.<sup>a</sup> como destacada figura do Governo da Nação, palavras que pronuncio como singelo obreiro do Ultramar, pois fui durante 20 anos Chefe da Missão Antropológica de Moçambique e a Moçambique dei o melhor da minha vida.

Como director do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia cabe-me a subida honra de estar investido numa dupla qualidade. Como representante da Escola Antropológica do Porto, criada na nossa Universidade pelo meu querido Mestre Prof. Mendes Corrêa, e como representante da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia de que ele foi também o criador e fundador, com a cooperação de outros ilustres investigadores das Ciências do Homem.

Seja-me permitido que neste momento, preste respeitosa e sentida homenagem à memória de Mendes Corrêa e dos seus colaboradores na fundação da Sociedade de Antropologia dentre os quais merece especial referência o Prof. Joaquim Pires de Lima, distinto anatómico, natural desta nobre e encantadora terra de Santo Tirso.

Como simples congressista e, seguramente, dentre todos um dos mais humildes, eu não quero deixar de prestar as minhas homenagens aos Senhores Governador Civil do Porto, Presidente da Câmara Municipal de Santo Tirso e ao Presidente deste Congresso que em notável cooperação de esforços levaram por diante a pesada e complexa tarefa da sua organização.



(469)(042)(04)  
AN





SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA — Na Faculdade  
de Ciências do Porto

Extracto do fasc. 2 do vol. XIX dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia»

Congresso Internacional de Etnografia (Santo Tirso)

*Discurso proferido em sessão solene sob a Presidência  
do Ilustre Ministro do Ultramar, Senhor Comandante  
Peixoto Correia, para inauguração do Colóquio de  
Etnografia Comparada em 11 de Junho de 1963.*

Senhor Ministro do Ultramar  
Senhores Congressistas  
Minhas Senhoras e meus Senhores

Senhor Ministro,

As minhas primeiras palavras são para V. Ex.<sup>a</sup> como destacada figura do Governo da Nação, palavras que pronuncio como singelo obreiro do Ultramar, pois fui durante 20 anos Chefe da Missão Antropológica de Moçambique e a Moçambique dei o melhor da minha vida.

Como director do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia cabe-me a subida honra de estar investido numa dupla qualidade. Como representante da Escola Antropológica do Porto, criada na nossa Universidade pelo meu querido Mestre Prof. Mendes Corrêa, e como representante da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia de que ele foi também o criador e fundador, com a cooperação de outros ilustres investigadores das Ciências do Homem.

Seja-me permitido que neste momento, preste respeitosa e sentida homenagem à memória de Mendes Corrêa e dos seus colaboradores na fundação da Sociedade de Antropologia dentre os quais merece especial referência o Prof. Joaquim Pires de Lima, distinto anatómico, natural desta nobre e encantadora terra de Santo Tirso.

Como simples congressista e, seguramente, dentre todos um dos mais humildes, eu não quero deixar de prestar as minhas homenagens aos Senhores Governador Civil do Porto, Presidente da Câmara Municipal de Santo Tirso e ao Presidente deste Congresso que em notável cooperação de esforços levaram por diante a pesada e complexa tarefa da sua organização.



Bereliane Penn.

Senhor Ministro, Senhores Congressistas, minhas Senhoras e meus Senhores,

O perfeito conhecimento do factor ou elemento humano está na base de qualquer plano racional de ocupação e valorização inteligente de qualquer região, qualquer que ela seja, qualquer que seja a sua natureza, extensão ou latitude.

É basilar o conhecimento do factor humano no delineamento justo dos planos de administração e de fomento.

Tais planos têm que assentar em princípios de ordem política, moral e económica, e todos no modo de ser, de viver e de sentir das gentes.

No que respeita às nossas províncias ultramarinas os seus naturais são não só diferentes de nós mas também diferentes uns dos outros, e são-no quer no ponto de vista físico ou somático quer nos seus usos e costumes, psicologia e grau de cultura.

Daí a justeza da opinião daqueles que, por exemplo quanto ao problema africano, crêem que este problema, nos seus complexos aspectos políticos e sociais, económicos não poderá resolver-se por uma fórmula única. A actuação tem de ser diferente consoante a diferente mentalidade, cultura, sensibilidade, aptidões e maneira de ser das diferentes tribos, e até das suas respectivas tradições.

Por isso é que à Antropologia e à Etnografia competem tarefas de suma importância em qualquer obra de educação e de valorização dos povos, e nomeadamente dos povos africanos.

O que os portugueses fizeram no passado relativamente ao conhecimento científico das raças indígenas das regiões que iam descobrindo é simplesmente assombroso.

Há no povo português um conjunto de qualidades e atributos que o caracterizam e definem. Entre essas qualidades e atributos existe a de um amplíssimo e profundo sentimento de humanidade, estruturalmente eivado de dulcíssimos preceitos cristãos, que fez de nós um povo colonizador, que permitiu realizar aquilo que bem pode chamar-se o milagre da nossa colonização nas mais diversas terras do mundo.

A importância dos estudos de Etnografia para o conhecimento dos povos é por demais sabida.

Na sessão de encerramento da Semana do Ultramar em Abril de 1950, o tema da conferência que então proferi foi a seguinte: *A alma do indígena através da Etnografia de Moçambique*.

Nessa conferência eu disse que a alma dum povo pode definir-se através do seu comportamento histórico, das experiências ou estudos psicológicos e da sua etnografia.

A Etnografia, como sabemos todos, é o estudo das condições de vida dos povos, da origem das mesmas e sua evolução cultural; condições de vida consideradas em relação com as influências do meio (factores biogeográficos), com o encadeamento da sucessão evolutiva na tradição (factores históricos), e com as acções recíprocas, por influências directas ou indirectas, dos homens uns sobre os outros (factores por via de regra condicionando uma evolução lenta, a que poderíamos chamar de sublimação ou de apuro), quer entre povos diferentes com laços mais ou menos estreitos de convívio permanente ou accidental, (factores determinando quase sempre mutações, ou sejam, modificações inesperadas, amplas e bruscas).

O somatório destes 3 factores, geográficos, históricos, e sociais, forma um todo que a Etnografia tem como finalidade estudar.

Por isso é que à Etnografia compete tarefa importantíssima no estudo cuidado e atento da alma dos povos.

O Instituto de Antropologia da Universidade do Porto que tenho a honra de dirigir sempre dedicou especial interesse ao estudo da Antropologia e da Etnografia das províncias ultramarinas portuguesas.

Afirmam-no a série de publicações do Prof. Mendes Corrêa e dos seus colaboradores, no número dos quais tenho a honra de me contar.

O Instituto de Antropologia da Universidade do Porto pela mão de Mendes Corrêa organizou duas Missões Antropológicas ao Ultramar Português. A Missão Antropológica de Moçambique e a Missão Antropológica da Guiné.

O Instituto de Antropologia não se tem negado a colaborar na obra grande da valorização das nossas províncias ultramarinas.

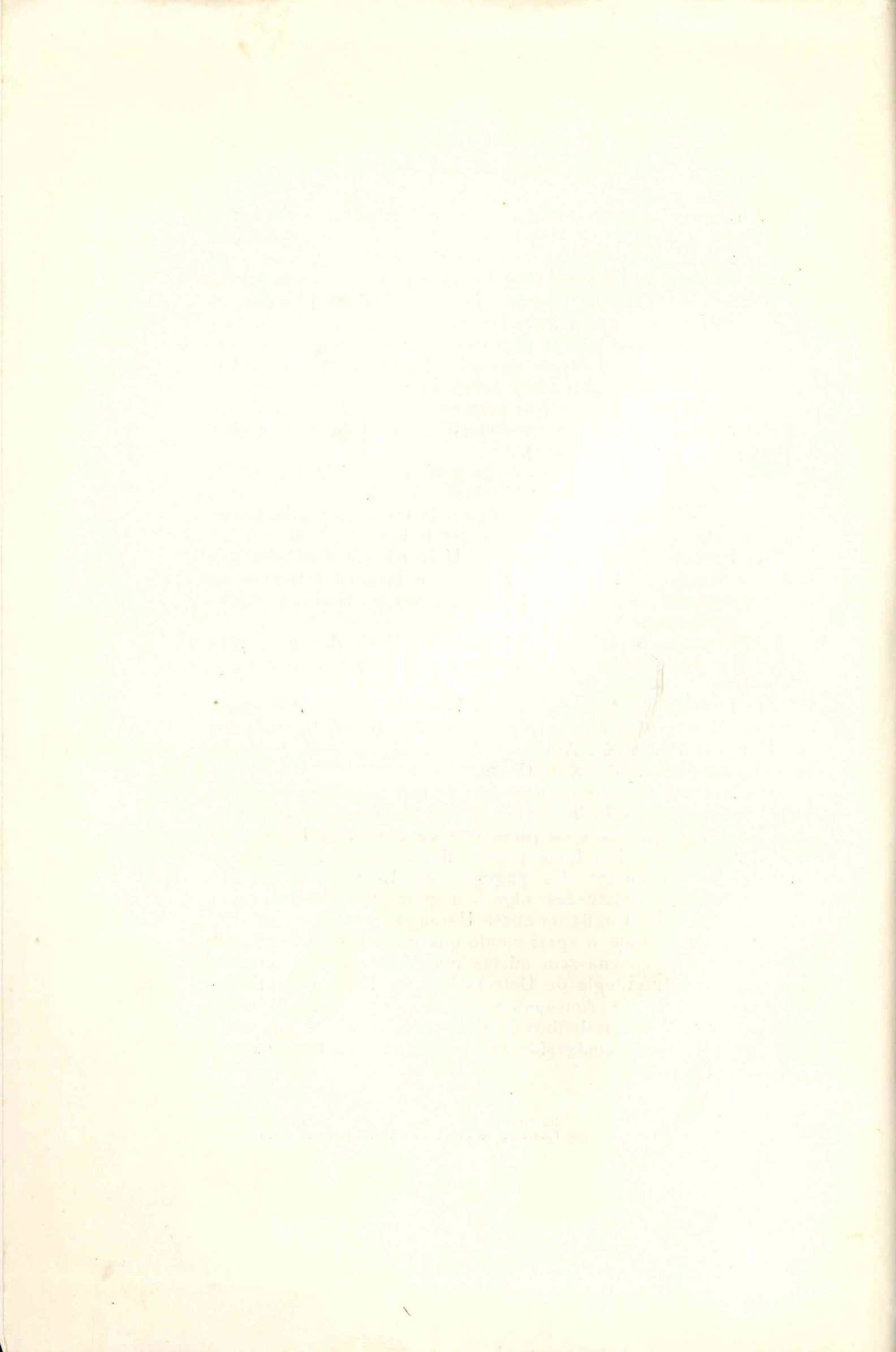
Na minha qualidade de presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia posso afirmar que a Sociedade se orgulha de em muitas das páginas dos 18 volumes da sua Revista estarem arquivados alguns importantes estudos sobre Antropologia e Etnografia do nosso Ultramar.

É pois com todo o aprazimento que trago a este Congresso a colaboração, pequena sem dúvida mas dedicada e sincera, do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia fazendo votos pelo maior êxito dos trabalhos do Congresso de que é garantia a brilhante plêiada de etnógrafos nacionais e estrangeiros que nele participam.

PROF. SANTOS JÚNIOR

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»  
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

C. M. B.  
BIBLIOTECAS





biblioteca  
municipal  
barcelos



9630

Congresso Internacional de  
Etnografia (Santo Tirso)